

## SOMOS PROFISSIONAIS? REFLEXÕES SOBRE A HETEROGENEIDADE CONSTITUTIVA E MOSTRADA DE PROFESSORES

### ARE WE PROFESSIONAL? REFLECTIONS ABOUT CONSTITUTIVE AND SHOWN HETEROGENETY FROM TEACHERS

Osmar de Souza - FURB.

[osmar@furb.br](mailto:osmar@furb.br)

**Resumo.** Neste artigo, faço uma reflexão sobre a profissionalidade docente, a partir do que acumulei em 40 anos trabalhando como professor. Estabeleço uma interlocução com pesquisadores que privilegiam o professor como objeto de pesquisa e seleciono tópicos para a reflexão, em particular uma distinção entre a heterogeneidade constitutiva e mostrada de professores. Questiono o que caracteriza a profissionalidade docente, em que se distingue de outras. Para isso, trago dados de uma pesquisa realizada na FURB com alunos ingressantes em cursos superiores, no primeiro de semestre de 2010. Sumarizo os registros de 128 acadêmicos, categorizando os dados entre predicativos atribuídos com alguma especificidade ao professor e outros que poderiam se aplicar a qualquer profissional. Entre os últimos, a capacidade de planejar; entre os primeiros, apresentar bibliografias aos alunos.

**Palavras-chave:** Professor. Profissionalidade. Heterogeneidade constitutiva. Heterogeneidade mostrada.

**Abstract.** In this article, I make a reflection about the teaching professionalism, from what I have collected during 40 years working as a teacher. I establish an interlocution with researchers who privilege the teacher as object of research and select the topics for the reflection, especially a distinction between the teachers' constitutive and shown heterogeneity. I question what characterizes the teaching professionalism, in which it is distinguished from the others. Therefore, I bring data from a research carried out at FURB with freshmen at the university, in the first semester of 2010. I summarize the answers of 128 students, while I categorize the data between predicatives given specifically to the teacher and others that could be applied to any professional. Among the last, the ability to plan, among the first, the ability to present bibliography to the pupils.

**Keywords:** Teacher. Professionality. Constitutive heterogeneity. Shown heterogeneity.

## **Introdução**

Neste artigo me disponho a problematizar duas questões: o professor e seu reconhecimento como profissional e a heterogeneidade que ao longo da vida vai se mantendo ou se modificando. A motivação que me leva a eleger esses dois tópicos surge no momento em que me dou conta de que estou completando em 2010 40 anos de profissão docente. Para que o leitor possa entender o que pretendo refletir, situo-o de que lugar falo: fui professor de primeira a quarta série, em escola multisseriada; de uma turma em escola isolada; professor de Português e inglês de quinta a oitava série; as mesmas disciplinas no ensino médio. No ensino superior, para garantir uma carga horária que pudesse compor um salário, desafiei-me a um mosaico de disciplinas, Literatura brasileira e Portuguesa, Teoria Literária, Lingüística, Sociolingüística, Psicolingüística, no curso de Letras, além de Filosofia, Filosofia da Educação, metodologia da pesquisa em outros cursos, de graduação e pós-graduação *lato sensu*. Esta última também fez parte de minhas experiências na pós-graduação *stricto sensu*, em Educação, Direito e Turismo e Hotelaria. Nos últimos 15 anos, dedico-me a um programa de pós-graduação *stricto sensu* em Educação, podendo-me considerar um *outsider*, uma vez que meu doutorado é em Linguística.

Este panorama dá uma noção prévia do que foi ser professor e do porquê a questão da heterogeneidade acaba me constituindo. O lugar, portanto, de onde falo é de um programa de pós-graduação em educação, num eixo Educação, Cultura e Sociedade e de uma linha de pesquisa Discurso e Práticas Educativas. Por isso mesmo, falo não de como as coisas foram acontecendo, mas como as vejo neste momento sócio-histórico.

O artigo começa com um questionamento, se somos profissionais, e se o somos, o que nos define. Em seguida, estabeleço uma distinção entre a heterogeneidade constitutiva e mostrada de professores, como isso se aplica a meu histórico e relacionando com o que as pesquisas vêm apresentando. Trago falas de alunos sobre como eles reconhecem o professor como profissional e termino com algumas considerações sobre a minha profissionalidade, ampliando o debate ao final.

### ***Somos Profissionais?***

De onde vem a pergunta? Ela me acompanha desde o dia em que assisti pela primeira vez ao filme “Luzes de Ribalta”, de Charles Chaplin”. A personagem feminina do filme é uma bailarina. Em determinado momento, ela sofre um acidente e pára de dançar. Depois de muita insistência e persistência do personagem interpretado por Chaplin, ela retoma a dança e se incomoda porque não consegue a desenvoltura que seu imaginário construiu, a sua heterogeneidade constitutiva (AUTHIER-REVUZ, 1998). Em determinada cena ela se dirige a seu interlocutor dizendo: “estou dançando como amadora”. O interlocutor responde: “somos todos amadores, é o pouco que vivemos”.

Valendo-me desse diálogo, trago para este artigo a pergunta: somos profissionais? Evidentemente, estou falando de professores. Quando me questiono, não ponho em dúvida de que como professores desempenhamos um trabalho (passo a usar o nós, porque a pergunta me afeta também). Mas se somos profissionais o que poderia nos identificar?

Quando no diálogo aparece “somos todos amadores”, o qualificativo pode ser entendido como uma referência ao radical de amar, amor. Amador como uma remissão a quem ama o que faz. Possivelmente isso remeta a um ideário judaico-cristão, de profissionalidade docente associada à vocação, muito próxima do sacerdote. Sobre isso a pesquisa que apresento nada visibiliza desta memória histórica (ORLANDI, 1998).

Adiante, falo do que pesquisadores formulam sobre a profissionalidade docente, como ofício, como funcionário, e, pelos dados colhidos, junto a alunos, há pouca visibilidade quanto a predicações que nos distingam de outros profissionais.

### ***A heterogeneidade constitutiva e mostrada***

De onde vem este subtítulo? Vem de uma compreensão de que somos constituídos por outros, neste caso, outros profissionais, professores nossos,

professores com quem convivemos e professores que sequer conhecemos (que podem fazer parte de um imaginário social do que se concebe ser professor. Esta heterogeneidade pode ser constitutiva, nem sempre nos damos conta disso. Estou me apropriando do conceito de Authier-Revuz (1998), que define heterogeneidade constitutiva a manifestação de linguagem que vem de outros, mas que “esquecemos”, inconscientemente. Faço a aproximação com a profissionalidade docente, por entender que muitas práticas vêm de outros, mas “nos esquecemos”.

Há a heterogeneidade que assumimos, conscientemente, esta pode ser marcada, e, em alguns momentos mostrada. No caso, a autora citada está se referindo à linguagem citada, direta ou indiretamente, mas assumida em novos discursos. O mesmo pode acontecer com a prática docente. Por entendermos determinadas fundamentações, incorporamos em nosso cotidiano de sala de aula e assumimos explicitamente. Não quero criar uma dicotomia entre as duas. Talvez haja heterogeneidades que não se deixem classificar, vão em outras direções.

A heterogeneidade mostrada manifesta-se diferentemente:

- pelos anos de trabalho;
- pelos níveis de ensino em que atuamos (quanto mais se expõe profissionalmente tanto mais a heterogeneidade mostrada tenderia a se manifestar, mas contraditoriamente confundida com a constitutiva;
- por investimentos pessoais (refiro-me a investimentos de natureza simbólica e não a investimentos financeiros). Entram aqui leituras, debates em eventos de formação, eventos de divulgação de pesquisas, de trabalhos de extensão, entre outros.

Após os acordos, vejamos o professor como foco de pesquisas.

### ***O professor em focos de pesquisas***

Nesta seção, sumário pesquisas que tomam o professor como foco de estudo. Em artigo publicado em 1996 na revista Caderno de Pesquisas, Bernardete Gatti fala da identidade do professor como realimentador pela comunicação, criação

e recriação de saberes. Embora o artigo focalize a questão da identidade, conjuga fatores como interesses, expectativas, atitudes, como interligadas à heterogeneidade docente. Pergunta-se a autora, quem é esse professor? Que imagem tem de si, como pessoa e como profissional?

A autora cita pesquisas como as de Schiefebein *et al.*, em 1994, realizadas em vários países da América Latina que falam da profissão docente, nesses países como associadas ao gênero feminino, pessoas provenientes das camadas mais baixas dos indicadores socioeconômicos. Para tais pesquisadores, diz ela, busca-se ascensão social pela instrução e para a mulher trata-se de profissão privilegiada para seu ingresso no âmbito público, no universo social do trabalho fora de casa.

Prossegue dizendo que nessas mesmas pesquisas, aparece o estereótipo da idéia de “cuidar”. Mas adverte Gatti (1996), que este aspecto merece ser aprofundado nas pesquisas, uma vez que cuidar não necessariamente significa ensinar, avaliar, alavancar. Pode ser, diz ela, apenas “guardar, um “não deixar morrer” simbólico. Possivelmente, o cuidar esteja vinculado aos anos iniciais. Mantido em outras etapas de ensino, abriria um leque de possibilidades, que por si, valeria um artigo.

Fala ainda das pesquisas que ela mesma conduz no Brasil com amostras em vários estados, de diferentes regiões, em que os sujeitos pertencem a diferentes classes sociais, mas que acabam sendo recorrentes em alguns discursos, como o do baixo salário, da culpabilização ora do aluno ora das famílias para o fracasso escolar. Pouco mencionam a expectativa de que seus alunos aprendam. Menciona ainda uma crítica dos professores quanto à arbitrariedade com que as inovações e reformas educativas são impingidas. Esta crítica também independe da classe social de onde vem o professor.

Quando perguntados, como se tornam professores, a grande maioria, mais de 60% respondem “aconteceu”. E isso se coloca como um problema de repetições de crenças, de cristalizações, ainda menciona Gatti (1996). Se aconteceu, a heterogeneidade constitutiva pode marcar esses profissionais.

Conclui apontando que a identidade do professor não é abstrata, um protótipo idealizado; é uma pessoa de determinado tempo e lugar; identidade se constroi, não

é dada, é respaldada pela memória quer individual, quer social. Pela possibilidade de “construir”, a heterogeneidade mostrada pode ganhar visibilidade.

Ao recortar a profissionalidade docente pela ótica da identidade, a autora tangencia as heterogeneidades aqui situadas. Pelas pesquisas serem recorrentes quanto a um discurso “naturalizado”(ORLANDI, 1998), podemos aproximá-lo da heterogeneidade constitutiva. Quando a autora desloca-se para a empiricidade, para a “construção” identitária, deixa o campo aberto para as heterogeneidades mostradas. Os alunos perceberiam isso

Libâneo (1998) após fazer exaustiva análise da realidade brasileira, em geral, e do processo de globalização da economia, atingindo a educação, defende que a escola ainda é necessária à democratização da sociedade. Para ele, o professor, neste contexto, é o profissional da cultura da ciência, das técnicas, da estética, da ética, das mídias, do cotidiano. A escola precisaria reduzir a distância entre a ciência e a cultura de base.

Para ele, o professor mais do que nunca mobilizaria uma cultura geral de aprender a aprender, saber agir, ampliar suas habilidades comunicativas, domínio de linguagem informacional e mídias.

O autor defende as seguintes atitudes para o professor:

- ser mediador;
- ser capaz de ações interdisciplinares;
- ser capaz de ensinar a pensar;
- adotar uma perspectiva crítica;
- ter capacidade comunicativa;
- ampliar seu potencial de lidar com meios tecnológicos;
- lidar com a diversidade cultural;
- propor-se à atualização científica, técnica e cultural;
- ampliar sua compreensão sobre a dimensão afetiva;
- mediar práticas que formem alunos para condutas éticas.

Esse conjunto de predicções, que por si, já valeriam diversos artigos, correm o risco se transformarem em prescrições. Se não transcenderem a isso, tendem a reforçar ainda mais a heterogeneidade constitutiva.

Vieira (1999), professor e pesquisador na Universidade de Leiria, Portugal, fala da prática docente como um “inconsciente prático”, fundamentado em Bourdieu. Para este autor, a prática do professor é um misto de racionalidade e afeto, de *bricolage* e planificação. Este inconsciente prático pode aqui ser associado à heterogeneidade constitutiva, o que, como implicação cria uma distância entre o sujeito e o objeto de ensino.

O ensino parece ter um lado artístico, uma dimensão irracional, emocional, uma inteligência do coração (FIZZIOLAT, *apud* VIEIRA, 1999). Esse conjunto de prováveis predicções do ensino responde pela aproximação ou distanciamento entre professor e aluno.

O autor defende que os sistemas devem ser mais de aprendizagem do que de ensino, justificando com o argumento de que o aluno já dispõe de conhecimentos, mas que a aprendizagem deveria modificar esses conhecimentos. Se entendida esta distinção, no caso do docente, o foco no ensino estaria mais próximo da heterogeneidade constitutiva, enquanto a aprendizagem o levaria à mostrada.

Fala que muitos usam o conhecimento, para, mediante alteridade, reforçar os seus etnocentrismos e xenofobias. Chegam a admitir as policulturas, mas nem sempre as percebem como intercomunicáveis. Outros usam para relativizar suas posições e adotar uma postura mais intercultural. A primeira, por às vezes ser inconsciente, aproxima-se do que estou chamando heterogeneidade constitutiva, enquanto a segunda, por passar por uma nova compreensão, da mostrada.

Defende um conceito de professor como alguém voltado para a cognição para si e para os outros; com domínios de técnicas de comunicação; de manejo nas relações humanas. Mas isso não se dá só na escola.

Em sua pesquisa, encontra dois tipos de professores: os primeiros chama de “oblatos”, Recusam seu passado, não falam dele, evitam incluí-lo em suas reflexões pedagógicas. Aos segundos chama “trânsfugas interculturais”, aqueles que não rejeitam o seu passado cultural. Recebem o novo, mas não recusam o passado.

Os trânsfugas interculturais em tese podem marcar suas identidades pelas heterogeneidades mostradas. Não abandonam o que os constitui, mas ultrapassam o nível inconsciente.

Caria (2010) professor da Universidade Trás os Montes e do Alto Douro, Portugal, centra a atenção em três fenômenos: o papel institucional e a posição ocupados; a identidade profissional; a atividade sociocognitiva. Quanto ao papel institucional, professor é uma atividade que tem estatuto e prestígio social, exige título superior e permite o uso e aplicação de conhecimento abstrato e científico e de competência exclusiva de profissionais e não de amadores.

Mostra a diferença no conceito de profissão no senso comum em Portugal, como qualquer profissão, ocupação e emprego remunerado e na tradição da Sociologia dos grupos profissionais e Sociologia das classes sociais, de tradição anglo-saxônica. Nesta última perspectiva, considera-se profissão aquela com tradição histórica, remunerada, como médicos e advogados, em oposição da semiprofissões, não remuneradas como professores.

Para evitar isso, o autor trabalha na perspectiva da procura e não da oferta. Para ele, um grupo profissional é entendido como conduta social plural, heterogênea e não se confunde com sua legitimação de ideologia profissional de um grupo. A cultura profissional passa pela mobilização sociocognitiva de saberes que reúne aplicação da ciência com o sentido de prática acumulada e aprendido coletivamente em experiência contextual de trabalho.

Esse fenômeno sociocognitivo passa por duas exigências: recontextualizar os conhecimentos científicos e abstratos; transferir recursos e rotinas em diferentes contextos e atividades. Essas exigências passam por dois conflitos: do formal para a ação prática e da ação prática para o formal.

O professor exerce um poder periférico, por oposição ao poder centralizado no campo social de quem determina o que deve ser legítimo. Por não se produtor de conhecimentos, poderíamos acrescentar, corre o risco de apenas reproduzir o que vem dos outros, afetando a sua heterogeneidade mostrada.

Arroyo (2001) fala do professor como aquele que exerce um “ofício”. Para ele, isso remete a artífice, a um fazer qualificado. Os ofícios se referem a um coletivo de trabalhadores, qualificados, os mestres de um ofício. Só eles sabem fazer, aprenderam seus segredos, seus saberes e suas artes. Uma identidade respeitada, reconhecida socialmente, de traços bem definidos.

O autor defende o diálogo com gerações anteriores, sem esquecer de que a atividade docente requer constantes investimentos nos profissionais e em suas condições de trabalho. Isso me faz pensar na transcendência da heterogeneidade constitutiva.

Faz uma crítica ao fato de que os direitos sociais dos professores têm sido usados para rendimentos políticos o que tem causado uma reação dos primeiros porque se sentem usados.

Pontua que não se deve confundir gestão participativa com relação educativa. Nesse sentido, para ele, tanto uma perspectiva liberal quanto a progressista falham. A primeira porque joga a educação a uma comunidade “difusa”; a segunda por abrir demais a responsabilidade social da educação. As duas esquecem de construir verdadeiros sistemas públicos de educação. Faz um paralelo com a área da saúde. Como um sistema público de saúde requer o envolvimento de especialistas da área, o mesmo deveria acontecer na educação.

O ofício de mestre não é descartável. Para isso, diz ele, requer que recuperemos o antigo significado do pedagogo como homem ou mulher que tem um ofício, que domina, um saber específico. Além disso, propõe que se recupere o orgulho, a satisfação pessoal. Afirma e defende uma identidade pessoal e coletiva.

Mostra os movimentos históricos no Brasil, pontuando os anos 70 e 80 como os de defesa da identidade de trabalhadores em educação; os anos 90, emerge a defesa de uma especificidade do saber/fazer. Mas o Estado descaracteriza pelo nome genérico de “funcionário”. Neste último movimento, reforça-se a identidade e o profissionalismo. Nesse sentido, observa como combater o corporativismo? É contrário ao voluntarismo e defesas circunstanciais. Prefere vencer pela formação.

Para o autor, o ofício se opõe ao cataventos, sujeito a modismos, decisões políticas, frentes acadêmicas. O professor que assume heterogeneidades mostradas constrói mecanismos para superar os modismos, as decisões que vêm de fora. Porque significa construir uma “cultura profissional” coletiva, mas sem assujeitamento (ORLANDI, 1998).

Cita o historiador Hobsbawm como um dos que se debruçam para explicar o ofício e observa que as constantes ficam por educação, do saber. Aí poderia residir o diferencial da profissionalidade docente, poderíamos inferir disso tudo.

Conhecimento poderia estar associado à heterogeneidade mostrada, mais visível do que a constitutiva.

Para concluir esta parte do artigo, vamos falar dos ciclos de vida da profissionalidade docente. HUBERMAN, IN: NOVOA, 1992 p. 47), referindo-se aos ciclos de vida humana adaptados à carreira docente, propõe o seguinte, falando dos anos de carreira e o que tende a acontecer.

- 1-3 → entrada: tateamento
- 4-6 → estabilização, consolidação de um repertório pedagógico
- 7-25 → diversificação, ativismo, questionamento
- 26-35 → serenidade, distanciamento afetivo, conservantismo
- 35-40 → desinvestimento (sereno ou amargo)

Como qualquer classificação, corre-se o risco da generalização. Ao final do artigo, retomo isso, para falar do meu caso, 40 anos de magistério.

### ***O imaginário de acadêmicos***

Feitas essas reflexões e delimitações, discuto a seguir o que recolhi de textos escritos por alunos de graduação. Ao leitor recomendo cautela ao cotejar as formulações dos alunos porque elas foram colhidas de surpresa, justamente para que o inconsciente falasse. Percorri várias salas de cursos superiores da Universidade Regional de Blumenau - FURB, todos ingressantes, ainda sem as compreensões da Universidade. A todos solicitei que os alunos escrevessem um pequeno texto sobre o que identifica para eles o professor como profissional. Recolheram-se 128 textos, aleatoriamente. Foram usados espaços em que os alunos não estavam em aula, intervalos, início de aulas. Aproximei os dizeres nos seguintes sítios de significação (ORLANDI, 1998): pelo compromisso; pela bibliografia; pelo planejamento; pela aplicação; pela segurança; pela socialização do conhecimento; pelo domínio de conteúdo; pela transmissão eficaz; pela interatividade; pela clareza de mostrar o que é certo e o que é errado.

Essa primeira aproximação ampla permitiu-me atribuir um efeito de sentido em duas direções: a) aquelas que remetem ao professor especificamente; b) aquelas que servem para predicalizar qualquer profissional. Assim, compromisso, planejamento pertencem à última; bibliografia, socialização do conhecimento, domínio do conteúdo, transmissão são expressões que tendem a identificar a profissionalidade docente. As primeiras deixarei de lado, por fugir do objetivo do texto. Comento a seguir três textos, apontando o curso de origem, mais para que o leitor veja como as formulações vem de lugares diferentes.

### **Texto 1**

*A característica que mais me chama a atenção num professor é o interesse em transmitir os seus conhecimentos aos seus alunos e a preocupação em verificar se o aluno realmente aprendeu. Um professor competente também busca sempre se atualizar e aperfeiçoar suas técnicas de ensino. O professor profissional é um amante do saber. De um modo geral, o profissional verdadeiro é alguém que se dedica ao que faz e busca a excelência. Sabe trabalhar em equipe, divide tarefas e conhecimento. É humilde para reconhecer suas falhas e limitações. Busca o seu aprimoramento constantemente e sabe que sua vida não é somente a sua profissão (Acadêmico de Secretariado Executivo).*

Neste primeiro texto, estabeleço uma relação entre transmitir conhecimento, atualizar técnicas de ensino e verificar aprendizagem. O conjunto de expressões, numa perspectiva das teorias de currículo, (SILVA, 1999) apontam para uma contradição entre o que se tem debatido nas academias e que ainda não conseguem se manifestar no imaginário das formações discursivas daqueles que estão chegando à universidade.

Por outro lado, transmitir, atualizar técnicas, verificar aprendizagens, podem remeter ao que Vieira, já citado, recupera da Sociologia como inconsciente prático, de que os alunos se valem. Podem estar associadas às memórias históricas (ORLANDI, 1998) do que significa ser professor. Nesse aspecto, em que medida as heterogeneidades mostradas afetariam as representações de alunos? Está aí outro tópico a ser investigado.

## **Texto 2**

*Um bom profissional se destaca não pela profissão ou cargo que exerce, mas pela ética e postura profissional. Na área da educação não é diferente, um professor representa o início da vida cultural e científica das pessoas, portanto, cabe ao professor transmitir a importância da educação dentro de todos os sentidos.*

*Dentre todas as áreas do trabalho, o profissionalismo é indispensável, como na profissão de secretária executiva, cargo este que exige postura profissional, pois esta pessoa tem acesso a informações confidenciais tanto da organização quanto da vida pessoal dos seus assessorados.*

*Apesar de ter citado apenas duas profissões, fica claro a importância de ser ético, responsável e ter postura em todas as profissões, pois todas são de grande importância, independente do grau de conhecimento específico exigido (Acadêmico de Administração).*

O lugar de onde fala o sujeito não deixa dúvida de uma marcação territorial. No entanto, ao se fixar em questões como ética e postura remete a outras profissões também. Possivelmente, no curso seja uma categoria recorrente, razão pela qual amplia a característica também para outros campos.

Consciente ou não disso, o acadêmico faz supor um sujeito, um interlocutor, uma vez que ética nunca é um conceito que funciona de forma absoluta e isolada. Aponta para uma perspectiva prescritiva, o que também aparece nas pesquisas anteriormente comentadas.

## **Texto 3**

*O professor profissional é aquele que entende o papel social que representa. Domina o assunto sobre o qual fala, ciente de que suas informações são base para muitas pessoas. É responsável, porém, sabe que não é o dono da verdade, por isso, está sempre aberto para novos conhecimentos (Acadêmico de Letras).*

Quando aponta para o papel social do professor, poder-se-ia associar à interculturalidade que isso implica nos últimos 10 anos, aproximando-se da pesquisa de Vieira, citada, e da postura sócio-cognitiva a que se refere Caria, também já

citado. Neste caso, sendo o sujeito um estudante de Letras, poderia ver no professor como um sujeito de linguagem, de “atividades linguageiras”(ORLANDI, 1998).

### ***A heterogeneidade constitutiva e mostrada em meus 40 anos***

A heterogeneidade constitutiva em minha experiência de 40 anos nasce na escola. Na minha família não havia professores. As referências quando passei a atuar como professor, inicialmente, com sujeitos adultos, no antigo MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), eram minhas professoras dos primeiros anos. No caso, quem me alfabetizou foi uma freira, durante o primeiro semestre de meu ingresso na escola. No segundo semestre, mudei de escola passando a estudar numa escola “isolada”, hoje multisseriada, categoria em extinção, em muitos municípios brasileiros. Nesta escola, a professora me passou imediatamente para o segundo ano. Dessa maneira, em três anos completei o então ensino primário.

O período seguinte, o antigo “ginásio”, constituído de um ano de admissão e quatro anos, regulares, foi cursado em um seminário, de padres alemães. No ensino médio, fiz o antigo ‘Normal, curso preparatório para o magistério no ensino primário, como era conhecido.

O que caracteriza o meu ingresso no magistério e que vai se estender por um período bastante extenso de minha trajetória docente é guiado por aquilo que estou chamando no texto de heterogeneidade constitutiva. Significa transferir para os alunos aquilo que os professores ensinaram e da maneira que ensinaram. Como diz Geraldi (1997), ensina-se um conhecimento que foi produzido por outros, socializado por outros e que constitui uma espécie de memória histórica (ORLANDI, 1998) da escola, transformada muitas vezes em memória metálica, um saber cristalizado.

A heterogeneidade mostrada surge nas minhas práticas quando ingresso e me torno pesquisador. Compreendi que não bastava ensinar, precisava imergir na lógica do que ensinava, “produzindo conhecimentos” e não apenas “transmitindo”. O movimento que ai se operava gira em torno de uma aproximação entre o que se

chama sujeito e objeto de conhecimento, uma velha dicotomia que sempre preocupou teóricos e pesquisadores em educação.

### ***Considerações finais***

Ao sermos levados à compreensão de que somos profissionais, quis complexificar o que seria isso. No campo da educação, pelo que pude investigar em sítios como Anped, Google acadêmico, BCDT, percebo espaços de pesquisa para a profissionalidade docente, que ultrapasse questões como identidade, aspectos corporativos, investimento formativo, entre outros. Dentre tantos, percebo que o reconhecimento do profissional professor como um ser de linguagem se encontra nessas lacunas.

Em relação à categoria heterogeneidade parece-me que cabe também um investimento da pesquisa, no que tange à linguagem, como sinalizadora da profissionalidade docente.

Chama-me a atenção o fato de que nos meus dados o conceito de professor, associado à vocação, não aparece. Seria isso uma visibilidade da laicização da educação? Não tenho elementos para afirmar positivamente, mas poderia ser um bom tema para um próximo debate.

Quanto às predicções, ao formular expressões que causam duplicidade entre especificidades de ser professor e de outras atividades, faz pensar num movimento dos trabalhadores para exigências cada vez mais próximas, de um lado, como lidar com o inesperado, mudanças bruscas, constantes atualizações, e de diferenciais que ainda se encontram difusos.

## **OSMAR DE SOUZA**

Possui graduação em Letras pela Universidade do Vale do Itajaí (1974), especialização em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1983) , mestrado em Sociologia de Política pelo Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1979) e doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1994) . Atualmente é professor titular do Fundação Universidade Regional de Blumenau e Revisor de periódico da Atos de pesquisa em Educação. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Linguística. Atuando principalmente nos seguintes temas: Textualização, Textualidade.

### **Referências**

ARROYO, M. **Ofício de mestre: imagens e auto imagens**. 3. ed. Petrópolis, SP: Vozes, 2001.

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas: as não coincidências do dizer**. Campinas,SP: EdUnicamp, 1998.

CARIA, T. H. A cultura profissional do professor de ensino básico em Portugal: uma linha de investigação em desenvolvimento. **Sísifo**. Revista de Ciências em Educação. 03, p.125-138. Disponível em: <<http://sisifo.fpce.ul.pt>>. Acesso em: 24 de agosto de 2010.

GATTI, B. Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 98, p.85-90, 1996.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1997.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. Vida de professores Porto: Porto Editora, 1992, p. 31-61

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?** novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998.

ORLANDI, E. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SILVA, T. T. **Documento de identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VIEIRA, R. Ser professor ou aprendizagem da profissão. Educação e comunicação.Leiria-PT n.5, p. 9-27, 1999.